

**CHINA MAGICALIZADA SOB O OLHAR OCIDENTAL: considerações sobre a teoria weberiana acerca do misticismo chinês*****MAGICALIZED CHINA UNDER WESTERN EYES: considerations on Weber's theory of Chinese mysticism***

Marcel Silva Luz\*

**Resumo**

Este artigo visa investigar a interpretação de Max Weber sobre o confucionismo e o taoísmo, analisando se ele subestimou os elementos de racionalidade dessas tradições. A pesquisa revisa a visão weberiana que classifica as religiões chinesas como essencialmente mágicas. O estudo utiliza uma análise comparativa entre o confucionismo, taoísmo e protestantismo, considerando as implicações de uma leitura dualista entre Oriente mágico e Ocidente racional. Conclui-se que, embora Weber tenha fornecido uma valiosa contribuição teórica para a sociologia da religião, sua leitura das tradições chinesas desconsidera importantes aspectos de racionalidade e adaptação social, especialmente no que tange à educação e moralidade confucionistas, e ao pragmatismo taoísta.

**Palavras-chave:** Weber; confucionismo; taoísmo; racionalidade.

**Abstract**

This article aims to investigate Max Weber's interpretation of Confucianism and Taoism, analyzing whether he underestimated the elements of rationality in these traditions. The research reviews the Weberian view that classifies Chinese religions as essentially magical. The study uses a comparative analysis between Confucianism, Taoism and Protestantism, considering the implications of a dualistic reading between the magical East and the rational West. It is concluded that, although Weber provided a valuable theoretical contribution to the sociology of religion, his reading of Chinese traditions disregards important aspects of rationality and social adaptation, especially with regard to Confucian education and morality, and Taoist pragmatism.

**Keywords:** Weber; Confucianism; Taoism; rationality.

**Introdução**

Na tradição sociológica ocidental, Max Weber é uma figura central no entendimento das relações entre religião e economia, especialmente em sua análise sobre o desenvolvimento do capitalismo. Weber argumenta que o protestantismo, com seu ascetismo intramundano e racionalização das práticas religiosas, foi fundamental para o

---

\* Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Prodepa (UFPB), Brasil. Professor do Centro Universitário (Uniesp), João Pessoa, professor substituto da UFPB (DCJ), Santa Rita, PB. E-mail: marcel.silva.luz@hotmail.com.



surgimento do espírito capitalista. Em contraste, ele caracteriza as religiões orientais, como o confucionismo e o taoísmo na China, como essencialmente mágicas e místicas, carentes de um *ethos* racionalizador que promovesse o desencantamento do mundo. Essa perspectiva weberiana consolidou a imagem da China como uma sociedade “magicalizada”, onde a religião reforçava a ordem social tradicional em vez de desafiar o *status quo*, limitando, assim, as condições para o desenvolvimento capitalista (Weber, 1951; Carvalho Filho, 2014).

No entanto, ao retratar o confucionismo e o taoísmo como essencialmente mágicos, Weber pode ter subestimado elementos de racionalidade e ética que permeiam essas tradições. O confucionismo, por exemplo, embora enraizado em rituais e na busca pela harmonia social, promove uma forma de ética prática e racionalidade moral que pode ser comparada, em alguns aspectos, ao ascetismo protestante (Cordeiro, 2009; Barbalet, 2017). Da mesma forma, o taoísmo, apesar de suas práticas místicas e contemplativas, também incorpora princípios de equilíbrio e adaptação ao mundo que transcendem a mera busca de poder mágico (Sell, 2009).

Além disso, ao enfatizar a desmagicalização no protestantismo, Weber não reconhecera os elementos mágicos presentes no próprio cristianismo, como a crença em milagres e a sacralização de rituais religiosos. Essa leitura dualista entre Oriente mágico e Ocidente racional não apenas simplifica as tradições religiosas chinesas, mas também obscurece as continuidades mágicas dentro do próprio ocidente cristão (Said, 2007; Schluchter, 2014).

Nesse sentido, o presente artigo buscará responder à seguinte questão norteadora: houve uma subestimação dos elementos de racionalidade na leitura de Max Weber sobre o confucionismo e o taoísmo como religiões essencialmente mágicas?

Diante do exposto, o objetivo geral deste artigo é reexaminar a interpretação de Max Weber sobre o confucionismo e o taoísmo chineses como tradições essencialmente mágicas, investigando a presença de elementos de racionalidade dentro dessas tradições e discutindo as possíveis limitações e implicações de uma visão dicotômica entre Oriente mágico e Ocidente racional (Hamilton; Kao, 1987; Barbalet, 2008).

A metodologia utilizada para a construção deste artigo foi de natureza qualitativa e exploratória, com base na revisão bibliográfica de textos clássicos e contemporâneos sobre a teoria weberiana e as tradições religiosas chinesas, especificamente o



confucionismo e o taoísmo. O estudo se baseou na análise comparativa das obras de Max Weber sobre o desenvolvimento do capitalismo e suas interpretações das religiões asiáticas, contrastando-as com revisões críticas recentes. Para isso, foram consultadas fontes primárias de Weber, além de teses e artigos acadêmicos que questionam e complementam sua visão sobre o misticismo e a racionalidade nas tradições orientais.

Adicionalmente, o trabalho se apoiou em um levantamento teórico sobre as críticas à abordagem tipológica de Weber, que contrasta diferentes formas de racionalismo. Enquanto o Ocidente é caracterizado pelo racionalismo intramundano, secular e instrumental, as tradições religiosas do Oriente são descritas predominantemente como regidas por um racionalismo mágico e pragmático. As fontes utilizadas para a construção da análise incluem não apenas os textos de Weber, mas também contribuições de autores que revisitam e questionam suas tipologias, permitindo uma discussão ampla e fundamentada sobre a relação entre racionalidade e religião nas tradições chinesas e ocidentais.

Este artigo justifica-se, portanto, na relevância de uma reavaliação de certos construtos teóricos weberianos à luz dessas considerações, questionando possíveis interpretações reducionistas do confucionismo e taoísmo como sistemas puramente mágicos (Hamilton; Kao, 1987; Barbalet, 2008).

### **Max Weber e a sociologia da religião**

Max Weber é amplamente reconhecido como uma das figuras centrais na sociologia da religião. Seu trabalho estabeleceu uma nova maneira de entender a relação entre as crenças religiosas e as estruturas sociais e econômicas, abordando como diferentes tradições religiosas moldam as condutas de vida de seus seguidores e, por conseguinte, as dinâmicas sociais e econômicas mais amplas (Weber, 2004; 2017). No centro de sua teoria está a noção de que a religião desempenha um papel crucial na formação das mentalidades coletivas que podem, em última análise, influenciar o desenvolvimento de sistemas econômicos, como o capitalismo, bem como o desenvolvimento de instituições, como a própria formatação estatal e o Direito, além de operar sobre esferas da cultura, como arte e ciência como um todo (Weber, 2004).



Weber é mais conhecido por sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (Weber, 2004), na qual propõe que o protestantismo, especialmente o calvinismo, teve um papel essencial no surgimento do capitalismo moderno no Ocidente. Ele argumenta que a ética protestante, com seu foco no trabalho árduo, na autodisciplina e na vocação como um dever religioso, criou as condições ideológicas necessárias para o desenvolvimento do capitalismo (Barbalet, 2008). Weber vê o ascetismo intramundano protestante, que incentivava o reinvestimento dos lucros em vez do consumo desenfreado, como fundamental para o espírito capitalista. O trabalho, nesse contexto, não era apenas uma necessidade econômica, mas uma forma de glorificar a Deus, o que introduziu uma racionalidade particular na vida cotidiana dos protestantes (Weber, 2017).

Essa racionalidade é o que Weber chamou de “desencantamento do mundo”, um processo pelo qual o pensamento mágico e místico foi gradualmente substituído por uma visão de mundo racional e científica. Segundo Weber, o processo de desmágicalização das religiões remonta à emergência das *religiões de salvação*, nas quais a magia foi progressivamente sublimada na forma de milagres. No entanto, a Reforma Protestante representou uma *radicalização* desse desencantamento, ao eliminar a mediação sacramental entre o indivíduo e a divindade, afastando a ideia de um *diálogo íntimo* com Deus. Esse afastamento consolidou uma ética de conduta orientada para a racionalidade e o controle do mundo natural e social, rompendo com certas concepções mágicas que ainda permeavam o cristianismo anterior (Schluchter, 2014; Weber, 2004; 2017).

No entanto, o escopo da análise weberiana não se limitou ao protestantismo. Em suas obras posteriores, como *A religião da China: confucionismo e taoísmo* (1951) e *Hinduísmo e budismo* (1958), Weber ampliou sua investigação para outras grandes tradições religiosas, buscando entender por que o capitalismo moderno não emergiu em outras regiões do mundo com as mesmas características e intensidade do Ocidente. Nessas obras, Weber desenvolve uma análise comparativa, utilizando tipos ideais para contrastar as diferentes religiões e suas implicações para a vida social e econômica (Weber, 1951; Sell, 2009).

No caso da China, Weber argumenta que o confucionismo e o taoísmo desempenharam um papel central na manutenção de uma ordem social tradicional, que ele considerava incompatível com o desenvolvimento do capitalismo moderno. Ele via o confucionismo como uma ética de adaptação, que enfatizava a harmonia social, o



cumprimento de deveres e o respeito pela hierarquia, em vez da inovação e da transformação ativa do mundo. A ausência de um conceito de vocação e a ênfase na educação moral e ritual, segundo Weber, inibiram a emergência de um espírito empreendedor na China (Weber, 1951; Barbalet, 2017).

O taoísmo, por sua vez, foi caracterizado por Weber como uma religião que promovia a fuga do mundo e a busca de uma união mística com o Tao, o princípio fundamental que governa o universo. Essa ênfase na contemplação e no afastamento das preocupações mundanas, de acordo com Weber, reforçou uma visão mágica e mística do mundo, em oposição à racionalidade pragmática que ele associava ao protestantismo (Weber, 1951; Cordeiro, 2009).

No entanto, a abordagem de Weber também reconhece que essas tradições religiosas não são monolíticas. Ele observa que dentro do próprio confucionismo e taoísmo existem diferentes tendências e práticas, que podem, em certos contextos, aproximar-se de uma forma de racionalidade. Ainda assim, ele conclui que, em geral, essas religiões contribuíram para manter a China dentro de um sistema social tradicional e estagnado, que não favorecia o desenvolvimento de uma economia capitalista (Weber, 1951; Hamilton; Kao, 1987).

Weber também introduz o conceito de “misticismo intramundano” e “misticismo extramundano” em suas análises. O misticismo intramundano é aquele em que o indivíduo busca uma experiência mística ou espiritual sem se afastar do mundo, continuando a participar ativamente da vida social. Já o misticismo extramundano envolve a retirada do mundo e a busca por uma experiência mística em isolamento, muitas vezes associado ao ascetismo. No caso do taoísmo, Weber associa-o principalmente ao misticismo extramundano, em contraste com o ascetismo intramundano do protestantismo (Weber, 1951; Sell, 2009).

A abordagem de Weber sobre o confucionismo e o taoísmo, assim como suas conclusões sobre o desenvolvimento econômico na China, foram amplamente debatidas e criticadas. O referencial teórico que ele desenvolveu, entretanto, continua a ser uma ferramenta fundamental para o estudo comparativo das religiões e suas implicações sociais e econômicas. Ao mesmo tempo, é essencial reconhecer as limitações e os desafios que sua análise enfrenta, especialmente em relação à complexidade e diversidade das tradições religiosas chinesas, que não podem ser plenamente capturadas por uma tipologia



binária entre misticismo e racionalidade (Schluchter, 2014; Silva, 2016; Barbalet, 2017; Schmidt-Glintzer, 2018).

### Visão de Weber sobre o confucionismo e taoísmo

Max Weber, ao analisar as tradições religiosas e filosóficas chinesas em sua obra, focou particularmente no confucionismo e taoísmo. Para Weber, essas duas tradições desempenharam papéis fundamentais na modelagem das estruturas sociais e políticas chinesas, mas, ao mesmo tempo, constituíram barreiras para o desenvolvimento do capitalismo moderno, em contraste com o papel do protestantismo no Ocidente (Weber, 1951; Barbalet, 2017).

Importa frisar que o próprio Weber ponderou sobre as limitações em sua análise:

Apenas uma pequena porção das fontes documentais foram traduzidas e isso é uma grande desvantagem para o não-sinólogo. Infelizmente, não tive um sinólogo especialista para cooperar com o texto ou verificá-lo. Por essa razão, o volume é publicado com dúvidas e grande reserva. (Weber, 1951, p. 252, tradução nossa)

No entanto, ao que pese tal consideração, Weber foi taxativo ao afirmar que as características do confucionismo e taoísmo, conforme veremos mais à frente, transformaram a China em um “jardim mágico”:

Essa filosofia e cosmogonia “universista” chinesa transformou o mundo em um jardim mágico. Todo conto de fadas chinês revela a popularidade da magia irracional. Um *dei ex machina* selvagem e desmotivado fervilha pelo mundo e pode fazer qualquer coisa; somente contrafeitiços ajudariam. Diante disso, a racionalidade ética do milagre está fora de questão. (Weber, 1951, p. 200, tradução nossa)

Essa perspectiva de uma permissividade ou tolerância com elementos mágicos que comprometeria a racionalidade não só atravessa, mas norteia a obra weberiana em questão.

### Confucionismo como ética de adaptação e harmonia social

Weber caracteriza o confucionismo como uma doutrina eminentemente prática e adaptativa, que enfatiza a harmonia social, o respeito à hierarquia e o cumprimento de deveres rituais. É uma “religião de literatos”, uma doutrina oficial do Estado, que busca



a manutenção da ordem social através da educação e do autocultivo moral (Weber, 1951, p. 25, tradução nossa; Carvalho Filho, 2014;). E se baseia na crença de que a ordem cósmica e a ordem social estão intrinsecamente conectadas, e que o papel dos governantes e dos indivíduos é ajustar-se a essa ordem, garantindo a harmonia entre o céu, a terra e a sociedade (Weber, 1951; Cordeiro, 2009). A ideia de *li* (ritos) é central para o confucionismo, pois através da prática ritual correta, os indivíduos demonstram seu respeito pela ordem social e fortalecem os laços que sustentam a sociedade (Barbalet, 2017, p. 36).

Weber observa que o confucionismo valoriza a educação e o conhecimento dos clássicos, o que se reflete no sistema de exames imperiais que dominou a vida política e social da China por séculos. No entanto, ele também argumenta que essa ênfase na educação e na conformidade ritual não promoveu uma ética de transformação do mundo, mas sim de adaptação a ele. Para Weber, o confucionismo não encorajava o empreendedorismo ou a inovação, mas sim a manutenção do *status quo* e a preservação das tradições (Weber, 1951; Hamilton, 2006).

Em termos econômicos, o confucionismo reforçaria a lealdade familiar e as relações hierárquicas, em detrimento da competição e do individualismo que ele vê como essenciais para o desenvolvimento do capitalismo. A ausência de uma noção de vocação individual, como aquela presente no protestantismo, limita, o potencial de desenvolvimento econômico capitalista autônomo na China. O confucionismo, assim, é interpretado por Weber como uma força conservadora, que sustenta uma economia agrária e familiar, em vez de promover a ascensão de uma burguesia capitalista (Weber, 1951; Silva, 2016).

### **Taoísmo: misticismo e fuga do mundo**

Ao lado do confucionismo, Weber também examina o taoísmo, que ele descreve como uma religião mais popular e mística, em contraste com a formalidade e racionalidade do confucionismo. Para Weber, o taoísmo se concentra na busca pela harmonia com o *Tao*, ou o *caminho* natural, que governa o universo. Essa busca pelo Tao, entretanto, frequentemente leva à rejeição do mundo social e político, em favor de uma



vida contemplativa e afastada das preocupações mundanas (Weber, 1951, p. 38, tradução nossa; Sell, 2009).

Weber vê o taoísmo como uma tradição que promove uma forma de misticismo extramundano, no qual o indivíduo busca a união com o divino através da passividade, da meditação e da negação dos desejos e ambições terrenas. O conceito de *wu wei*, ou *não-ação*, é central para o taoísmo, representando a ideia de que o esforço consciente para controlar ou transformar o mundo é inútil, e que a verdadeira sabedoria reside em permitir que as coisas sigam seu curso natural (Weber, 1951, p. 182, tradução nossa; Cordeiro, 2009).

Essa orientação mística e passiva do taoísmo contrasta fortemente com a ética protestante de transformação ativa do mundo. No taoísmo, a salvação não é buscada através da ação, mas através da retirada do mundo e da busca por uma união contemplativa com o cosmos. Weber observa que, além de o taoísmo ter influenciado práticas populares e mágicas, como a alquimia e a busca pela imortalidade, ele, por fim, não promoveu uma racionalização sistemática da vida econômica ou social (Weber, 1951; Sell, 2009).

O taoísmo, por causa de seu caráter analfabeto e irracional, era ainda mais tradicionalista do que o confucionismo. O taoísmo não conhecia nenhum “ethos” próprio; a magia, não a conduta, era decisiva para o destino do homem. No estágio final de seu desenvolvimento, isso separou o taoísmo do confucionismo que, como vimos, manteve o inverso e considerou a magia impotente diante da virtude. (Weber, 1951, p. 200, tradução nossa)

Weber conclui que, assim como o confucionismo, o taoísmo não forneceu as bases ideológicas para o desenvolvimento de um capitalismo na China. Enquanto o confucionismo reforça a conformidade social e a estabilidade, o taoísmo, com sua ênfase no misticismo e na fuga do mundo, reforça a visão mágica e contemplativa da vida, o que seria incompatível com a racionalidade econômica necessária para o capitalismo (Weber, 1951; Silva, 2016).

### **Interpretação de Weber: magia e racionalidade na China**

Em suma, a visão de Weber sobre o confucionismo e o taoísmo é marcada pela percepção de que essas tradições mantiveram a China em uma esfera de racionalidade



limitada, permeada por elementos mágicos e místicos. Para Weber, enquanto o protestantismo ocidental promoveu o desencantamento do mundo e a racionalização das práticas sociais e econômicas, as tradições religiosas chinesas perpetuaram uma conexão com o sobrenatural e com práticas mágicas que, em sua visão, inibiram o desenvolvimento de uma economia capitalista moderna (Weber, 1951; Schluchter, 2014).

Weber também argumenta que, em ambos os casos, a ausência de um deus pessoal e transcendente, como no cristianismo, limita o potencial dessas tradições para promover uma ética racional orientada para o trabalho e o sucesso econômico. Ao invés disso, ele vê o confucionismo e o taoísmo como religiões que reforçam a estabilidade social e a adaptação ao mundo existente, sem incentivar a inovação ou a transformação ativa (Weber, 1951; Barbalet, 2017).

Ao que pese Weber considerar que o confucionismo continha menos elementos mágicos em relação ao taoísmo, para ele, a coexistência tolerante do confucionismo para com o taoísmo era um atestado de sua subserviência à magicalidade. Nesse sentido, para Weber (1951, p. 200, tradução nossa): “Na China, a crença na magia fazia parte da base constitucional do poder soberano.”

Essa relação entre magia e poder político teve implicações diretas na dinâmica entre as tradições religiosas chinesas. O confucionismo, embora rejeitasse a visão de mundo mágica, não conseguiu erradicá-la completamente, especialmente diante da influência do taoísmo.

O confucionismo era impotente quando confrontado com a imagem mágica do mundo, por mais que desprezasse o taoísmo. Esse desamparo impediu os confucionistas de serem internamente capazes de erradicar as concepções fundamentais e puramente mágicas dos taoístas. Lidar com a magia sempre pareceu perigoso para o próprio poder do confucionista (Weber, 1951, p. 200, tradução nossa).

No entanto, essa interpretação de Weber não está isenta de controvérsias e críticas, especialmente em relação à sua caracterização dessas tradições como essencialmente mágicas e à sua visão dicotômica entre um Oriente mágico e um Ocidente racional (Silva, 2016; Schmidt-Glintzer, 2018).



## Debates quanto à leitura weberiana

A leitura de Max Weber sobre o confucionismo e o taoísmo, assim como suas implicações para o desenvolvimento econômico na China, gerou debates significativos e inúmeras críticas ao longo das décadas. Sua abordagem comparativa entre o Ocidente e o Oriente, particularmente a ênfase na racionalização e no desencantamento do mundo no contexto ocidental em contraste com a suposta permanência da magia e do misticismo nas tradições orientais, suscitou reflexões sobre a adequação e as limitações de seu modelo teórico. Diversos estudiosos argumentam que Weber pode ter simplificado excessivamente as complexidades das tradições religiosas chinesas e, ao fazê-lo, subestimado aspectos importantes dessas culturas que não se encaixam facilmente em suas tipologias (Schluchter, 2014; Barbalet, 2017).

Apesar das críticas que serão levantadas contra a leitura de Max Weber sobre o confucionismo, taoísmo e a suposta incapacidade dessas tradições de gerar um *ethos* capitalista, é fundamental reconhecer que Weber permanece uma referência central no pensamento sociológico. Como argumenta Alexander (1987), Weber é um clássico não porque suas explicações tenham sido infalíveis, mas porque suas categorias analíticas, como racionalidade, desencantamento e magicalização, continuam a moldar a forma como compreendemos os fenômenos sociais. Essas categorias se mostram ainda úteis, mesmo quando aplicadas para criticar as limitações de sua análise de um capitalismo chinês.

A noção de que a modernidade ocidental se caracteriza pelo desencantamento do mundo e pelo predomínio da racionalidade formal é um conceito que ressoa até hoje nos debates sobre o desenvolvimento econômico, incluindo aqueles sobre o capitalismo chinês. Embora Weber possa ter subestimado o papel da inovação e da racionalidade econômica na China imperial, suas ferramentas teóricas continuam a oferecer uma base sólida para refletir sobre as formas distintas de racionalidade que operam em contextos culturais diversos.

Autores como Mark Elvin (1973) e Kenneth Pomeranz (2000) destacam que o capitalismo chinês contemporâneo se desenvolveu não a partir de uma ruptura completa com as tradições, como ocorreu no Ocidente, mas pela adaptação de antigas estruturas sociais e redes de parentesco ao novo sistema econômico global. O que vemos na China



moderna é uma forma única de capitalismo de mercado controlado, onde os laços sociais e familiares continuam a desempenhar um papel central na organização econômica, desafiando a visão de Weber de que essas estruturas eram necessariamente incompatíveis com o desenvolvimento capitalista.

Para compreender o impacto da transformação econômica da China nas últimas décadas, é necessário revisitar as bases teóricas de Weber e como sua visão foi desafiada pela realidade moderna. Desde as reformas econômicas iniciadas por Deng Xiaoping na década de 1980, a China passou por uma transformação massiva que desafiou muitas das previsões weberianas sobre a incapacidade do país de desenvolver um capitalismo industrial (Peng, 2005; Jabbour, 2012, 2021).

O surgimento de um capitalismo de Estado, com forte intervenção do governo, combinado com uma abertura gradual ao mercado, levou a China a se tornar uma potência econômica mundial (Peng, 2005; Jabbour, 2012, 2021).

No entanto, as estruturas culturais e políticas que Weber consideraria “irracionais” — como o papel contínuo do Partido Comunista e o sistema de parentesco e redes sociais — coexistem com um mercado altamente competitivo e industrializado (Elvin, 1973; Pomeranz, 2000; Peng, 2005; Jabbour, 2012; 2021).

Nesse sentido, a literatura demonstra, há décadas, que o capitalismo comercial floresceu na China antes da Revolução Industrial, e as limitações ao desenvolvimento industrial foram mais ligadas a fatores institucionais do que à ausência de uma ética capitalista propriamente dita (Peng, 2005; Appel, 2015).

Mark Elvin fala de uma *armadilha de equilíbrio de alto nível*, em que a economia chinesa buscava economizar recursos e capital fixo, em vez de se mover em direção à industrialização, desse modo, ele e outros estudiosos (Pomeranz, 2000; Appel, 2015; Jabbour, 2012; 2021) apontam que a forma como o capitalismo foi incorporado na China moderna não se ajusta aos modelos ocidentais que Weber previra. Em vez disso, a China desenvolveu seu próprio caminho, o que desafia diretamente o argumento weberiano de que o protestantismo e a racionalização ocidental são os únicos precursores possíveis para o capitalismo industrial (Elvin, 1973; Pomeranz, 2000; Appel, 2015).

Por fim, é importante observar que as categorias weberianas de análise, como a relação entre a ética religiosa e o desenvolvimento econômico, ainda influenciam as discussões contemporâneas sobre o capitalismo. Mesmo o advento de um capitalismo

industrial na China a partir dos anos 1980, sob condições políticas e sociais que Weber teria considerado “irracionais”, desafia e, ao mesmo tempo, reforça a relevância de seu pensamento.

### **Críticas à subestimação dos elementos racionais no confucionismo**

Uma das críticas centrais à interpretação weberiana do confucionismo é a alegação de que Weber subestimou o grau de racionalidade presente nessa tradição. O confucionismo, frequentemente descrito como uma filosofia política e moral, enfatiza a importância da educação, do cultivo da virtude e da ordem social. Esses elementos podem ser vistos como formas de racionalização que buscam não apenas manter a harmonia social, mas também promover uma ética prática orientada para o bem comum (Cordeiro, 2009; Barbalet, 2017).

Pode-se argumentar que a ética confucionista é, em muitos aspectos, comparável ao ascetismo protestante de Weber, visto que confucionismo promove uma forma de autocultivo e responsabilidade moral que pode ser vista como um tipo de racionalidade social. Em vez de uma ética mágica ou irracional, o confucionismo oferece uma abordagem sistemática para a vida, que valoriza a racionalidade na governança e na conduta pessoal. A ênfase na educação e no estudo dos clássicos confucianos, que formam a base do sistema de exames imperiais, também sugere uma forma de racionalidade literária e burocrática que desempenhou um papel central na administração do império chinês por séculos (Weber, 1951; Hamilton; Kao, 1987).

Além disso, existe literatura apontando no sentido de que a leitura de Weber do confucionismo como puramente tradicionalista ignora as dinâmicas de mudança e adaptação dentro da tradição confucionista ao longo do tempo. A capacidade do confucionismo de se adaptar a novos contextos sociais e políticos, incluindo sua resiliência diante das transformações da modernidade, sugere que ele possui um grau de flexibilidade e racionalidade que vai além do que Weber reconheceu (Silva, 2016; Barbalet, 2017).



## Revisões do taoísmo: misticismo ou pragmatismo?

No caso do taoísmo, a visão de Weber também foi alvo de críticas, especialmente no que diz respeito à sua caracterização como uma religião essencialmente mística e mágica. Embora o taoísmo certamente contenha elementos de misticismo e práticas contemplativas, ele também incorpora princípios pragmáticos que podem ser considerados formas de racionalidade prática. A noção de *wu wei* (não-ação), por exemplo, frequentemente interpretada como uma forma de passividade ou fuga do mundo, pode ser vista sob outra luz como uma estratégia de ação indireta e harmoniosa, que visa atingir objetivos de maneira eficiente sem confrontação direta (Weber, 1951, p. 182, tradução nossa; Sell, 2009).

Os críticos de Weber sugerem que sua leitura do taoísmo não captou a complexidade desta tradição, especialmente no que diz respeito à sua influência na medicina, na política e na gestão de recursos naturais. O taoísmo tem uma longa tradição de práticas que visam melhorar a saúde, a longevidade e a harmonia com a natureza, muitas das quais envolvem uma compreensão sofisticada dos processos naturais e sociais. Essas práticas podem ser interpretadas como uma forma de racionalidade ecológica, que busca integrar o ser humano ao seu ambiente de maneira sustentável, ao invés de se retirar do mundo em busca de experiências místicas isoladas (Cordeiro, 2009; Silva, 2016).

## A questão da *magicalização* do Oriente

Outra linha de crítica significativa à leitura weberiana foca na ideia de que Weber contribuiu para o que alguns chamam de “magicalização” do Oriente. Ao caracterizar as religiões orientais como essencialmente mágicas, Weber teria reforçado estereótipos ocidentais que veem o Oriente como irracional e exótico, em contraste com o Ocidente racional e moderno. Essa dicotomia pode ser problemática, pois simplifica a rica diversidade das tradições religiosas orientais e obscurece as continuidades e influências mútuas entre o Oriente e o Ocidente (Said, 2007; Schmidt-Glintzer, 2018).

Estudos contemporâneos, como os de Edward Said em *Orientalismo*, sugerem que essa visão dualista é uma construção ocidental que serve para justificar a dominação e a diferença cultural. No contexto das religiões chinesas, a ênfase de Weber na magia e no misticismo pode ter contribuído para a perpetuação de uma visão estereotipada da China



como uma cultura estagnada, enraizada no passado, e incapaz de desenvolver a modernidade por conta própria (Said, 2007).

Nesse sentido, existem na literatura argumentos apontando que essa leitura de Weber não apenas desconsidera os elementos de racionalidade no confucionismo e taoísmo, mas também ignora as formas como essas tradições influenciaram práticas econômicas e sociais na China e em outras partes da Ásia. Ao mesmo tempo, tais críticos apontam que Weber não deu atenção suficiente aos elementos mágicos presentes no próprio cristianismo, especialmente no protestantismo popular, em que práticas como a crença em milagres e a sacralização de rituais permanecem vivas (Weber, 2004; Barbalet, 2008, 2017; Sell, 2009).

### **Weber e o protestantismo: elementos mágicos no Ocidente**

Finalmente, um ponto de crítica relevante diz respeito à própria visão de Weber sobre o protestantismo. Embora ele tenha exaltado o desencantamento do mundo promovido pelo protestantismo, há críticos que sugerem que Weber subestimou os elementos mágicos e rituais que persistem dentro dessa tradição. A crença em milagres, a prática de rituais religiosos e a busca por sinais de graça divina, que ainda são comuns em muitas vertentes do protestantismo, indicam que a desmagicalização pode não ter sido tão completa quanto Weber sugeriu (Weber, 2004; Barbalet, 2008).

Essa crítica leva a questionar se a distinção rígida de Weber entre um Ocidente racional e um Oriente mágico realmente se sustenta. O cristianismo, mesmo em suas formas protestantes, não é completamente desprovido de elementos mágicos, o que sugere que a racionalização religiosa pode coexistir com práticas e crenças mágicas em um mesmo sistema religioso. Isso complica a visão simplificada de que o Ocidente se desencantou enquanto o Oriente permaneceu preso à magia (Schluchter, 2014; Barbalet, 2017; Schmidt-Glintzer, 2018).

### **Confucionismo, taoísmo e protestantismo**

Ao comparar o confucionismo, o taoísmo e o protestantismo, Max Weber estabeleceu uma distinção clara entre as tradições religiosas orientais e ocidentais, especialmente no que diz respeito à racionalidade e ao desenvolvimento econômico.



Enquanto o protestantismo é visto como o catalisador do capitalismo moderno no Ocidente, devido à sua ética ascética e racionalização das práticas cotidianas, Weber caracteriza o confucionismo e o taoísmo como tradições que mantêm a China em um estado de “magicalização” e estagnação econômica (Weber, 1951; Barbalet, 2017; Schmidt-Glintzer, 2018).

O protestantismo, com sua ênfase na vocação como um dever moral e na racionalidade do trabalho, é interpretado por Weber como a base para o desencantamento do mundo, um processo em que as crenças mágicas e místicas são gradualmente substituídas por uma visão de mundo científica e racional. Em contrapartida, Weber argumenta que o confucionismo e o taoísmo reforçam a ordem social tradicional e a aceitação passiva do mundo, sem promover uma transformação ativa ou uma ética de trabalho orientada para a acumulação de capital (Weber, 1951; Schluchter, 2014; Schmidt-Glintzer, 2018).

No entanto, é importante reconhecer que essa comparação não é completamente rígida. Embora o confucionismo seja descrito como uma ética de adaptação ao mundo, sua ênfase na educação, na moralidade e no cumprimento de deveres pode ser vista como uma forma de racionalidade social, ainda que diferente daquela promovida pelo protestantismo. Da mesma forma, o taoísmo, apesar de seu misticismo, oferece princípios pragmáticos para a vida cotidiana, como a busca por equilíbrio e harmonia, que podem ser interpretados como uma forma alternativa de racionalidade (Cordeiro, 2009; Barbalet, 2017).

Essa análise comparativa, portanto, revela que as distinções feitas por Weber, embora úteis para uma compreensão geral, podem simplificar excessivamente as complexidades dessas tradições religiosas. O protestantismo e as tradições chinesas operam dentro de contextos históricos e culturais distintos, e suas respectivas abordagens à racionalidade e à economia refletem essas diferenças (Hamilton, 2006; Barbalet, 2017).

### **Elementos de racionalidade nas tradições chinesas**

Embora Weber tenha enfatizado os aspectos mágicos e místicos do confucionismo e do taoísmo, estudiosos posteriores sugeriram que essas tradições também contêm elementos significativos de racionalidade sob uma ótica weberiana. No confucionismo, a



racionalidade se manifesta na estruturação de um sistema educacional rigoroso, no qual a competência burocrática e o conhecimento dos clássicos confucianos são valorizados. A ética confucionista promove a autocontenção, o autocultivo e a responsabilidade moral, que podem ser vistos como formas de racionalização da vida social (Cordeiro, 2009; Barbalet, 2017).

No taoísmo, apesar de sua inclinação mística, há uma racionalidade implícita na busca pela harmonia com o Tao. A noção de *wu wei* (não-ação) pode ser interpretada como uma estratégia racional de ação indireta, em que o indivíduo busca atingir seus objetivos de forma eficiente e em consonância com os fluxos naturais (Weber, 1951, p. 182, tradução nossa; Sell, 2009). Além disso, o taoísmo tem uma tradição de práticas de saúde e longevidade que envolvem um conhecimento sofisticado da natureza, o que sugere uma abordagem racional à vida, mesmo dentro de um contexto místico (Silva, 2016; Schmidt-Glintzer, 2018).

Esses elementos indicam que tanto o confucionismo quanto o taoísmo não podem ser plenamente compreendidos se forem vistos apenas como religiões mágicas ou irracionais. Embora esses aspectos existam, há também uma racionalidade presente nessas tradições que merece ser reconhecida, especialmente ao considerarmos suas influências duradouras na sociedade e na cultura chinesas (Silva, 2016; Barbalet, 2017).

### **Considerações finais: impacto das interpretações de Weber na sociologia contemporânea**

As interpretações de Weber sobre o confucionismo e o taoísmo tiveram um impacto significativo na sociologia e nos estudos sobre a China. Seu trabalho influenciou a maneira como muitos acadêmicos ocidentais entendem as tradições religiosas chinesas, especialmente no que diz respeito à relação entre religião e desenvolvimento econômico. A tese weberiana de que o confucionismo e o taoísmo contribuíram para a ausência de um capitalismo autóctone na China moldou debates acadêmicos por décadas (Weber, 1951; Hamilton; Kao, 1987).

No entanto, à medida que o estudo da China e das religiões comparadas avançou, a visão de Weber foi revisada e, em alguns casos, contestada. Pesquisas contemporâneas têm explorado as maneiras como o confucionismo e o taoísmo se adaptaram às mudanças



sociais e políticas ao longo dos séculos, demonstrando uma flexibilidade e uma complexidade que Weber pode não ter plenamente reconhecido (Silva, 2016; Barbalet, 2017). Além disso, o papel dessas tradições no desenvolvimento econômico da China moderna tem sido reavaliado, especialmente em face do rápido crescimento econômico da China nas últimas décadas (Silva, 2016; Barbalet, 2017).

Ainda assim, as contribuições de Weber continuam a ser um ponto de referência importante para o estudo da sociologia da religião. Seu modelo teórico oferece uma estrutura valiosa para a análise comparativa, mesmo que possa ser ajustado por novas perspectivas (Oliveira, 2016; Barbalet, 2017; Schmidt-Glintzer, 2018).

A China moderna, com sua combinação de racionalização econômica e persistência de estruturas tradicionais, desafia diretamente as previsões de Weber, mas ao mesmo tempo confirma a relevância de suas categorias para estudar sociedades complexas. Mesmo que as condições para o desenvolvimento do capitalismo tenham sido diferentes, o conceito de desencantamento e a transição de uma sociedade mágica para uma sociedade racional ainda são aplicáveis para entender o processo de industrialização em um contexto global.

As categorias de Weber são, portanto, ferramentas analíticas dinâmicas, que continuam a ser utilizadas para interpretar fenômenos contemporâneos, como a ascensão da China como uma potência capitalista. Mesmo que sua análise tenha falhado em prever a forma específica que o capitalismo chinês tomaria, a estrutura teórica que ele oferece é inestimável para entender as complexas interações entre religião, cultura e economia no mundo moderno.

Conforme dito anteriormente, Alexander (1987) argumenta que Weber é um clássico justamente porque suas ferramentas analíticas são indispensáveis, mesmo quando usadas para criticar sua própria interpretação. No caso do capitalismo chinês, por exemplo, embora Weber tenha falhado ao prever o surgimento de um *ethos* capitalista na China imperial, suas categorias ainda são úteis para entender as particularidades do capitalismo contemporâneo na China, que combina elementos de racionalidade econômica com estruturas políticas e sociais, que Weber havia considerado incompatíveis com o capitalismo moderno.

O surgimento de um capitalismo industrial chinês a partir dos anos 1980, sob um regime de comando político, desafia diretamente a visão de Weber de que o capitalismo



requer uma base cultural específica, como a ética protestante. No entanto, essa mesma contradição reforça a importância de suas categorias, uma vez que o desencantamento e a racionalidade — mesmo em um contexto diferente daquele previsto por Weber — ainda são ferramentas úteis para analisar as dinâmicas econômicas e sociais da China contemporânea. Assim, mesmo que a explicação original de Weber não tenha se realizado da forma prevista, seu legado teórico continua a orientar e enriquecer o debate sociológico (Elvin, 1973; Pomeranz, 2000; Peng, 2005; Barbalet, 2017).

Este artigo buscou reexaminar a interpretação de Max Weber sobre o confucionismo e o taoísmo como religiões essencialmente mágicas e refletir sobre a possível subestimação dos elementos de racionalidade nessas tradições. Com base na análise comparativa entre o confucionismo, o taoísmo e o protestantismo, foi possível identificar que Weber ofereceu uma contribuição valiosa ao articular a conexão entre religião e desenvolvimento econômico, mas sua leitura das religiões chinesas pode ser vista como limitada ao simplificar as complexidades dessas tradições.

Ao explorar os elementos de racionalidade presentes no confucionismo e no taoísmo, especialmente a ênfase confucionista na educação e na governança moral, e os princípios pragmáticos do taoísmo, observamos que essas tradições, embora diferentes em sua forma de racionalidade, não podem ser completamente descritas como mágicas ou irracionais. A crítica às interpretações weberianas sugere que, ao focar nas diferenças entre Oriente e Ocidente, Weber deixou de captar aspectos importantes de como essas tradições estruturam a vida social e política na China.

Por outro lado, não se pode desconsiderar a relevância histórica e sociológica da obra de Weber. Seu modelo teórico sobre o desencantamento do mundo e a racionalização continua sendo uma ferramenta essencial para a análise comparativa das religiões. No entanto, como vimos ao longo deste artigo, revisões contemporâneas indicam que a racionalidade pode assumir formas variadas em diferentes contextos culturais, e que a dicotomia entre um Ocidente racional e um Oriente mágico pode ser mais fluida do que inicialmente concebido.

Concluimos, portanto, que houve, de fato, uma tendência de Weber em subestimar os elementos de racionalidade no confucionismo e no taoísmo. Entretanto, essa constatação não invalida o valor de sua obra, que continua a inspirar debates e reflexões sobre a relação entre religião, racionalidade e economia.



## Referências

ALEXANDER, Jeffrey C. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 2, n. 4, São Paulo, junho 1987.

APPEL, Tiago Nasser. Por que não houve capitalismo na China imperial? Uma contribuição neomarxista. **Tempo Social**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 231-253, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/y5LxPL5573MPmL9qtz6bp3t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BARBALET, Jack. **Confucianism and the chinese self: re-examining Max Weber's China**. [S. l.]: Palgrave Macmillan Singapore, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-981-10-6289-6>. Acesso em: 11 ago. 2024.

BARBALET, Jack. **Weber, passion and profits: "The protestant ethic and the spirit of capitalism" in context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

CARVALHO FILHO, Juarez Lopes de. Religião, educação e economia em Max Weber. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 540-555, set.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/PWjBSTxkcQDjbmCcm8mQ4sF/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

CORDEIRO, Ana. L. Meyer Taoísmo e confucionismo: duas faces do caráter chinês. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, MG, v. 6, n. 1, p. 4-11, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26466>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ELVIN, Mark. **The patterns of the chinese past**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1973.

HAMILTON, G. G.; KAO, C.-S. Max Weber and the analysis of East Asian industrialization. **International Sociology**, v. 2, n. 3, p. 289-300, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/026858098700200306>. Acesso em: 11 ago. 2024.

HAMILTON, Gary G. Why no capitalism in China: negative questions in historical comparative perspective. In: HAMILTON, Gary G. **Commerce and capitalism in chinese societies**. London: Routledge, 2006. p. 50-74.

JABBOUR, Elias. **China hoje: projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de mercado**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.

JABBOUR, Elias. **China: o socialismo do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2021.

OLIVEIRA, Arilson Silva de. **Hinduísmo e budismo em Max Weber: uma indologia sem orientalismos**. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, João Pessoa, 2016.

PENG, Yusheng. Lineage networks, rural entrepreneurs, and Max Weber. **Research in the Sociology of Work**, [S. l.], v. 15, p. 327-355, 2005.

POMERANZ, Kenneth. **The great divergence: China, Europe, and the making of the modern world economy**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.



SCHLUCHTER, Wolfgang. How ideas become effective in history: Max Weber on confucianism and beyond. **Max Weber Studies**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 11-29, 2014.

SCHMIDT-GLINTZER, Helwig. Asia in general and India in particular: Max Weber's conclusions on the role of the literati in hinduism and buddhism. **Max Weber Studies**, v. 18, n. 1, p. 107-121, 2018. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.15543/maxweberstudies.18.1.107>. Acesso em: 7 ago. 2024.

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e o misticismo oriental**. São Cristóvão: TOMO, 2009.

SILVA, Rodrigo Luiz Medeiros da. Capitalismo, confucionismo e teoria weberiana: reflexões empíricas sobre o caso sul-coreano. **Tempo Social**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 179-202, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.107998>. Acesso em: 7 ago. 2024.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ícone, 2017.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **The religion of India: the sociology of hinduism and buddhism**. New York: The Free Press, 1958.

WEBER, Max. **The religion of China: confucianism and taoism**. New York: The Free Press, 1951.

Recebido em: 13/09/2024.

Aceito em: 23/04/2025.

